

A PAISAGEM VERNACULAR SEGUNDO PERSPECTIVAS DE SAUER, HOSKINS E JACKSON

Bruno José Rodrigues Frank

Universidade Norte do Paraná, Departamento de Geografia, Londrina, PR, Brasil
bruno.j.frank@gmail.com

Humberto Tetsuya Yamaki

Universidade Estadual de Londrina, Docente da Pós-Graduação em Geografia, Londrina, PR, Brasil
yamaki@uel.br

RESUMO

A Paisagem Vernacular pode ser definida como uma das categorias da Paisagem Cultural e se caracteriza, em linhas gerais, por sua conexão primária com a funcionalidade, decorre daí sua gênese e transformação e de sua relação com a disponibilidade natural e material do local onde ocorrem. Por serem consideradas versáteis e de difícil catálogo acabam passando despercebidas no debate acadêmico. Os autores retratos neste artigo trazem direta ou indiretamente contribuições fundamentais para a compreensão do escopo e dos métodos de análise e classificação da Paisagem Vernacular. Carl Sauer é um autor altamente reconhecido e muito discutido na Geografia, sua vasta produção ainda oferece subsídios para o entendimento da paisagem cultural. William George Hoskins por sua vez é um nome pouco reconhecido na Geografia, no entanto sua abordagem, fundamentada na História local será fundamental para a definição do alcance e dos limites de uma Paisagem Vernacular. Já John Brickerhoff Jackson é reconhecido, em especial nos círculos da Geografia Humanista e foi pioneiro na definição do próprio conceito de Paisagem Vernacular. Apresentamos as principais idéias e conceitos em cada um destes autores através de uma revisão bibliográfica comparada. E a partir de suas contribuições traçamos um quadro geral de suas potencialidades para a discussão da Paisagem Vernacular. Neste quadro esboçamos a potencialidade das principais linhas de força da pesquisa em Paisagem Vernacular.

Palavras-chave: Paisagem Vernacular; Epistemologia; Geografia Cultural.

THE VERNACULAR LANDSCAPE ACCORDING TO SAUER, HOSKINS AND J.B JACKSON

ABSTRACT

The Vernacular Landscape can be defined as one branch of Cultural Landscape. They are basically composed of landscapes evolving and transforming through use and the relationship between the natural constraints and the material in the place they occur. They are considered versatile and very hard to classify, due to this they tend to pass almost unnoticed among research students. The authors have the intention to bring, directly or indirectly, the important contributions of three authors. Their methods, scope and classification of the so considered Vernacular Landscape is compared. Authors such as Carl Sauer, which is highly discussed in the field of Geography, as his legacy still offers subsidies to the Cultural Landscape. William George Hoskins, in his turn is almost unknown for geographers, but his local History approach is essential in defining the limits and the extension of Vernacular Landscapes. On the other hand, John Brickerhoff Jackson is well known (in the case of U.S) in the humanistic Geography circle and has been the pioneer in the definition of the concept of Vernacular Landscape. Our aim is to present the main ideas and concepts of these authors and from their contributions in order to draw an overall picture of potential in Vernacular Landscape studies.

Keywords: Vernacular Landscape; Epistemology; Cultural Geography.

INTRODUÇÃO

Escolhidos como objeto de apreciação, tanto Sauer quanto Hoskins e Jackson desenvolveram abordagens metodológicas e teorias que nos ajudarão na definição do escopo e dos limites para o estudo da Paisagem Vernacular, mesmo que em muitos casos isso não fizesse parte de suas pretensões iniciais.

Este artigo procura sobrepor suas contribuições a fim de formar um arranjo satisfatório das linhas gerais para o avanço da discussão deste tema. Optamos por abordar cada um dos autores em ordem cronológica. Isto não implica que tenham sido contemporâneos, mas suas contribuições são datadas em períodos específicos e que, em conjunto, possuem semelhanças no trato da pesquisa e nas principais contribuições teóricas que os aproximam de uma tradição em comum.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo demonstrar o papel destes autores e suas abordagens para o entendimento da Paisagem Cultural de forma geral e para a Paisagem Vernacular em particular. A partir de suas contribuições esboçamos uma síntese geral visando contribuir para o quadro geral de estudo da temática.

Carl Sauer, geógrafo teuto-americano é considerado como um dos patronos e principal expoente do conceito de Paisagem Cultural. William George Hoskins, historiador britânico era especializado na Paisagem de sua terra natal. Suas contribuições notabilizaram-se nos estudos de história local e na valorização da paisagem regional. Finalizamos pela análise dos principais pontos na obra de John Brickerhoff Jackson, crítico literário e responsável por cunhar o termo Paisagem Vernacular assim como seu principal intérprete.

Um traço comum nos trabalhos destes autores é que procuraram compreender a Paisagem produzida no cotidiano através de teorias que apresentam semelhanças e diferenças. Mas, que, em conjunto favorecem a compreensão da Paisagem Vernacular, tanto pela entrada teórica como nos procedimentos metodológicos de sua interpretação.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira seção discutimos o enquadramento dos conceitos de Paisagem Cultural e Paisagem Vernacular. A segunda parte lida com as principais contribuições destes autores para a interpretação e categorização da Paisagem Vernacular, localizando afinidades e contrapontos. Por fim discutimos a contribuição destes autores para a discussão da Paisagem Vernacular.

NOTAS SOBRE PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM VERNACULAR

O significado da Paisagem Cultural, suas origens etimológicas e suas ramificações para diversos campos da ciência é tema de um campo de amplo debate. No entanto, seguimos com a definição partilhada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2012):

Paisagens culturais são propriedade culturais e representam o “trabalho conjunto da natureza e do homem”. São ilustrativas da evolução da sociedade humana e seu povoamento ao longo do tempo, influenciadas por condicionantes físicas ou oportunidades oferecidas pelo ambiente natural e as forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas, quanto externas. (UNESCO, 2012, p.14, tradução própria).

Podemos incluir três categorias gerais na Paisagem Cultural, segundo a definição do National Park Service dos Estados Unidos (CLEMENT, 1999):

- (1) Paisagens projetadas definidas e desenhadas intencionalmente por humanos, e que incluem em grande parte os parques e os jardins;
- (2) Paisagens que tenham evoluído organicamente, resultado das sucessivas interações entre as comunidades locais e o seu ambiente natural [aqui podemos incluir a **Paisagem Vernacular**];
- (3) Paisagens culturais associativas, possuidoras de enorme potencial religioso, artístico ou associações culturais com os elementos naturais.

Essa concepção de evolução orgânica conforme apontado na categoria dois está no cerne da definição de Paisagem Vernacular. Outro aspecto observável é a relação entre os condicionantes naturais e a resposta local. Por fim, esta categoria está diretamente associada ao cotidiano e a sua reprodução ao longo da história.

Resumindo, a Paisagem Vernacular pode ser considerada como uma das categorias da Paisagem Cultural e reflete as características físicas, biológicas e culturais da vida cotidiana.

O EMPIRISMO POÉTICO DE CARL SAUER (1889-1975)

Sauer foi um precursor importante para a Geografia humanista, (mesmo que não tenha sido identificado com esta linha), pois ressaltava aspectos do mundo vivido em suas análises, combatendo assim uma mentalidade positivista que predominava na Geografia da época (GADE, 2014).

Utilizava em suas análises, um traço fenomenológico como método para captar o significado das paisagens (HOLZER, 2016). Colocando em retrospectiva, a visão e o estilo de Sauer ainda são muito fortes na Geografia cultural e estão na base de muitas das metodologias utilizadas na classificação e identificação de paisagens culturais. Devemos ressaltar, no entanto, que sua produção se espalhou por diversas áreas do conhecimento como a História, a Sociologia e a Antropologia. Existe uma aproximação sutil entre a “unidade da natureza” de Humboldt e a “conexão” e “ordem dos fenômenos” de Sauer como na passagem a seguir:

Nós insistimos em um lugar para uma ciência que encontra seu campo inteiramente na paisagem, na base da realidade significativa da relação corológica. Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Descobrir esta conexão e ordem dos fenômenos em área é uma tarefa científica e, de acordo com a nossa posição, a única à qual Geografia deveria voltar suas energias (SAUER, 2004, p.17).

Para ele, a paisagem deve ser objeto central da Geografia e a revitalização da corologia a partir da valorização da percepção foi fundamental para o avanço da Geografia Cultural. Essa descrição atenta a observação era:

Colocando em termos “sauerianos”, o objetivo é descrever a morfologia, isto é, o perfil, a forma e a estrutura de uma determinada paisagem. E ao realizar isto revelar as características, traçado, distribuição e a eficácia das culturas humanas que a desenvolveram e o habitaram (WYLIE, 2007, p.23, tradução nossa).

O espírito empirista de Carl Sauer está presente em seu trabalho mais conhecido: “*A morfologia da Paisagem (1925)*” em que sugere a equação clássica para interpretação da paisagem: “the cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a cultural group. *Culture is the agent, the natural area is the medium, the cultural landscape the result*” (1963, p.343). Esta definição possui semelhanças com o ciclo de evolução natural da paisagem proposto por William Morris Davis. Em síntese, os postulados da morfologia da paisagem conforme expressos por ele são:

- Que existe uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica; ou seja, uma estrutura para a quais certos componentes são necessários, esses elementos componentes sendo chamados de “formas” nesse estudo.
- Que a semelhança de forma em estruturas diferentes é reconhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo então “homólogas”; e
- Que os elementos estruturais podem ser dispostos em série, especialmente em sequência de desenvolvimento, indo de um estágio incipiente a um estágio final ou completo. (SAUER, 2004, p.31).

Seguindo o receituário comum da chamada escola de Berkeley, Sauer enxerga a cultura como um artefato, de natureza supra-orgânica, da qual poderiam se extrair os padrões presentes naquelas sociedades. Seu interesse com os elementos físicos ou materiais na Paisagem (artefactuais), legava pouco interesse às questões não materiais, como as qualidades simbólicas e outras características que não poderiam ser lidas diretamente da paisagem (JACKSON 1989 p.19).

Sauer costumava delimitar regiões ou áreas de influência de uma determinada cultura com traços comuns ou similares. Começava por uma densa e extensa leitura dos processos históricos, levando em conta os aspectos legais e as mudanças institucionais. Esse caminho metodológico será partilhado por Hoskins e por Jackson.

Observava as habilidades de adaptação (medindo sua capacidade) dos indivíduos e as técnicas e produtos da transformação da “Paisagem Natural” em Paisagem cultural. Neste íterim definia os parâmetros básicos para a interpretação da Paisagem:

O Geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o **genérico** e procede por **comparação**. [...] É certo que na seleção de características genéricas da paisagem o geógrafo é guiado somente pelo seu próprio julgamento de que elas são características, ou seja, repetitivas; que elas estão organizadas em um padrão, ou possuem qualidade estrutural, e que a paisagem precisamente pertence a um **grupo específico na série geral** das Paisagens. (SAUER, 2004, p.24-25, adaptado).

A própria noção de caráter de paisagem, embora não sistematizada aparecerá em Sauer. Nos estudos comparativos, a metodologia de identificação de uma Paisagem, a identidade associada ao caráter ou a personalidade é objeto central do processo de catálogo:

A identidade da paisagem é determinada, antes de mais nada, pela visibilidade da forma [...] O caráter da paisagem do alagado descrito acima[há uma descrição de paisagem feita por terceiros como exemplo] é determinado primeiramente pela presença da areia, do pântano e da vegetação típica. O fato mais importante sobre a Noruega, fora sua localização, provavelmente é que quatro quintos da sua superfície são constituídos por montanhas estéreis, sem condições de rebanhos, uma condição diretamente significativa, dada a sua extensão (SAUER, 2004, p.28).

Em Sauer aparecerá o protótipo da ideia de paisagem-tipo (SAUER, 2004), que se tornaria unidade básica do sistema comparativo em muitas metodologias de pesquisa em Paisagem Cultural, principalmente aquelas adotadas por agências de conservação como a Heritage Foundation p.ex.

Em seu artigo “A educação do Geógrafo”, Sauer ressalta a importância do nome dos lugares: “O vocabulário geográfico temático e local de cada idioma é um substrato particular de aprendizagem que ainda espera exploração, tanto para a identificação de variações do fenômeno como para visões culturais alternativas” (SAUER, 2000 [1956], p.141).

Em boa parte da literatura acadêmica, Sauer encontra-se muitas vezes sob a mira de críticas, com foco sempre na questão de seu entendimento supra-orgânico da cultura, direcionados principalmente pela “*New Cultural Geography*”. Autores como James Duncan e Peter Jackson (1989) adicionam ainda outra crítica: a de seu pouco engajamento social e político. A leitura inversa poderia ser feita: eram seus críticos que se preocupavam demasiado com engajamento político e social. Outra crítica recorrente é a de que seus trabalhos privilegiavam mais as origens da instituição das culturas ao invés de compreender as dinâmicas das mudanças sociais.

Tais críticas acabaram ecoando no Brasil e podem ter contribuído para o congelamento da leitura e do estudo de suas obras que, com exceção de alguns textos clássicos nem sequer foram traduzidas. No Brasil, Carl Sauer foi objeto de apreciação em livro organizado por Zeny Rosendhal e Roberto Lobato Corrêa, intitulado “Sobre Carl Sauer” (ROSENDHAL; CORRÊA, 2010) que reúne uma série de ensaios do autor, assim como apontamentos de seus críticos.

Price e Lewis (1993) acreditam que é injusto criticar Sauer apenas através do prisma da Paisagem e da Geografia cultural, sua obra foi prolífica e abrangente e sua tradição de pesquisa foi continuada por gerações posteriores.

Nos Estados Unidos, as pesquisas com Paisagem Cultural sempre foram muito associadas com as ciências de campo, mais até do que com as ciências sociais. Isto reflete na preocupação com a evidência material, visível, empírica de uma cultura na paisagem e por isso são comuns os estudos a respeito da distribuição espacial das formas construídas e dos artefatos. Para Wylie (2007), aqueles que carregaram o legado de Sauer se mostraram capazes de descrever, mas muitas vezes incapazes de explicar os padrões e os relacionamentos.

As críticas direcionadas a um tipo específico de descrição empírica e de metodologia de campo continuam sendo associadas ao legado de Carl Sauer. Isso significa, no entanto, que este legado continua vivo, especialmente nos Estados Unidos (WYLIE, 2007) e segue se fortalecendo como contraponto às visões alternativas.

Sua linha de força reside na importância do quadro geral da geografia física, da morfologia da Paisagem e o reconhecimento da centralidade que o trabalho de campo possui para os estudos de Paisagem Cultural. Essa é sem dúvida, uma falha em muitos estudos contemporâneos, que se preocupam mais com aspectos exteriores ou simbólicos, em detrimento do estudo mais sistemático proposto por Sauer. Seus trabalhos exibem uma preocupação com o concreto, com o tangível. Isto fica claro em suas análises sobre as paisagens fronteiriças entre México e Estados Unidos, artigo intitulado "*The personality of Mexico*" (SAUER, 1941) que constitui leitura indispensável e fonte de inspiração para os estudos em Paisagem Cultural.

Seu estilo é central para os estudos de Paisagem Vernacular, ressaltando-se a importância do estudo morfológico e do trabalho de campo. Primeiramente, a observação de campo permite observar as mudanças ocorridas na Paisagem e contrapô-las com períodos pretéritos.

Por último, a preocupação com a estrutura morfológica da paisagem, seus atributos físicos e as potencialidades advindas da relação com os homens atenta para o papel central, nos estudos de Paisagem Vernacular, o da adaptação e da transformação quase sempre associadas às necessidades econômicas ou sociais do cotidiano. A tradição iniciada por Sauer para o estudo da Paisagem Cultural teve continuidade nas pesquisas de seus discípulos (GADE, 2014).

"NOSTALGIA" E DENSIDADE TEMPORAL EM WILLIAM GEORGE HOSKINS (1908-1992).

William George Hoskins foi um historiador britânico, que lecionou na *London School of Economics* durante grande parte de sua vida. Tornou-se relativamente famoso em seu país como produtor e apresentador da *Série Landscapes of England* produzida pela BBC nos anos 1970 (BBC, 1976). Seu impacto foi muito forte nos estudos de história regional (DYER et AL 2011) e de história local (foi o fundador da cátedra de História local) embora seja praticamente desconhecido da Geografia brasileira.

São comuns as associações intelectuais na Inglaterra entre os termos Paisagem, história, ruralidade e nostalgia (WYLIE, 2007). Hoskins procurou unificá-los em sua interpretação da transformação das paisagens regionais em sua terra natal. Por isso transmite forte dose de nostalgia e de melancolia pontuadas por um forte senso de temporalidade (palimpsesto da História). Demonstra certa concepção idílica originária nas artes e na literatura dos séculos XVIII-XIX. No fragmento abaixo, em suas palavras, um relance de seu estilo o autor aborda as mudanças ocorridas na região de Burslen na Inglaterra, onde as olarias tradicionais estavam sendo substituídas por complexos industriais:

Esta triste imagem de uma paisagem industrial merece ser posta sob uma lupa. Há uma igreja, reconstruída em 1717, quando a indústria de cerâmica florescia com 43 pequenas manufaturas familiares até que foram engolidas pela revolução industrial. Por todo o lugar as moradias encontram-se em meio a sujeira de chaminés e sua característica forma de garrafas, surgindo em meio aos telhados. Uma escurecida igreja anglicana, que congrega uma grande população vitoriana encontra-se no meio da vista. Terrenos abandonados ocupam parte da cena. É uma paisagem sem forma, densa e

apagada pela fumaça. A fotografia foi tirada em um dia favorável [refere-se a fotografia do livro] ou não seria possível tirá-la de forma alguma. Imagine nascer em meio a essa feiúra: ou pior ainda, enterrada junto a ela. (HOSKINS, 1967, p.174. Tradução nossa).

Em sua magnum opus "*The making of the English Landscape*" (1967) publicada originalmente em 1957, o autor aborda, dentre outros temas: a continuidade, as permanências e um profundo senso de profundidade na Inglaterra. Em grande medida flertava como uma concepção de paisagem mais arqueológica do que cênica, no entanto isso era reflexo de sua visão pessoal e formação que atentava aos "ciclos históricos" visíveis na paisagem. Sobre o livro, Wylie (2007) comenta:

The Making of English Landscape não aborda seus tópicos região por região, mas sim cronologicamente, traçando evoluções, revoluções e continuidades ao longo das demarcações tradicionais da História Britânica (Celtas, Romanos, idade das trevas, Inglaterra georgiana e dos Tudor's e a revolução industrial) enfocando alguns aspectos aqui e ali. O que emerge, no entanto, é um intenso senso de temporalidade da Paisagem Inglesa, a profundidade, a complexidade e a riqueza de cada era cultural. Desta forma, a concepção que Hoskins possui da Paisagem é arqueológica ou geológica do que cênica. A paisagem é um conjunto de camadas verticais de uso e habitação construídas ao longo do tempo (WYLIE, 2007, p. 31, tradução nossa).

A identificação das camadas residuais da história inglesa reconstitui o caráter regional de cada Paisagem. Parte da análise dos projetos de organização do território vindos da coroa britânica assim como aqueles surgidos organicamente e presente nos traçados e na arquitetura local.

Partindo de Meinig (1979) podemos afirmar que existem duas características básicas ou corolários presentes na obra de W.G Hoskins, são eles:

1. A paisagem deve ser compreendida como uma forma da história e deriva diretamente de seu entendimento histórico.
2. Sua análise da Paisagem é sempre um estudo das localidades. Detalhes (procura por evidências nos objetos, conjuntos, etc.).

Hoskins escreveu também uma série de guias de viagem com essa concepção. Em *Devonshire Guide* (HOSKINS, 1964), por exemplo, o autor adota um tom sintético a respeito da história local ao mesmo tempo em que procura introduzir as curiosidades locais, como culinária local e grandes acontecimentos com uma espécie de paisagem-tipo específica da região.

Assim a paisagem se incorpora ao lugar e a localidade. Ao mesmo tempo é vista no sentido de *layers* (camadas) verticais de uso e habitação. Em outras palavras, isto implica que a análise da paisagem é sempre um estudo das localidades, com ênfase "nos detalhes factuais, a procura por evidências visíveis nos campos, cercas, grupos de edificações o posicionam dentro de uma determinada escala, a análise da paisagem é uma forma de história local (WYLIE, 2007, p.33, tradução nossa, adaptado)".

Esta abordagem de natureza localista e sua leitura através de camadas são de importante contribuição para o estudo da paisagem vernacular na medida em que nela se tornam visíveis as sobreposições do tempo, associando-se aos períodos históricos, acontecimentos ou diretrizes governamentais. E suas investigações começavam sempre pelo nome dos lugares. De acordo com Hoskins:

Podemos mergulhar em uma infinidade de nomes de lugares (e mesmo assim existe um sabor característico em cada região da Inglaterra), a delicada complexidade das estruturas neurais de estradas e vielas, a estrutura de vilarejos e povoações, as românticas fazendas do interior, igrejas perdidas em meio aos campos, os padrões estabelecidos pelos contornos ou a forma como os limites definidos pelas dioceses encaixam-se nos outros. Podemos dissecar mentalmente tais mapas, peça por peça, e ao fazermos isso, aprendemos muito sobre a história local, conhecendo ou não o país (HOSKINS, 1967, p.76, tradução nossa).

Hoskins foi muito importante para o debate sobre a preservação histórica e inspirou muitos autores e fundações conservacionistas. Chamou a atenção para a necessidade da preservação da Paisagem Inglesa a nível nacional. Tal posição foi considerada antimoderna, relegando a uma posição marginal nas geografias culturais modernas (WYLIE, 2007).

J.B JACKSON(1909-1996) E O OLHAR SOBRE A PAISAGEM VERNACULAR

J.B Jackson foi um marco central dos estudos de Paisagem Vernacular, pois não só cunhou o termo como foi seu principal intérprete nos Estados Unidos. Sua obra adota um estilo ensaístico, à tradição dos estudos literários, sua área de sua formação original. Em suas palavras:

Podemos ficar desconcertados com o design de nossas cidades ou com os campos que as pessoas cultivam e a arquitetura pode ser diferente de tudo o que encontramos. No entanto, os campos, as cercas e as casas são fáceis de compreender, em um só relance podemos compreender que papel desempenha. São com estes elementos comuns que devemos começar nossos estudos. Das particularidades podemos cuidar depois. O familiar serve como um ponto de partida, ele reafirma para nós que por mais incomum que nos possa parecer uma paisagem, ela não é inteiramente estranha e se relaciona com todas as outras paisagens. A natureza humana satisfaz seus desejos de diversas formas, mas as necessidades são essencialmente semelhantes em todos os lugares (JACKSON, 1984, p.11, tradução nossa).

Grande parte destes ensaios foi reunida em diversas obras e traziam reflexões publicadas na revista *Landscape* (editada por ele) assim como conferências e comentários na mídia, grande parte reunida em livros ou ensaios (JACKSON: 1970; 1984; 1987; 1994; 1997). Sobre a importância da revista *Landscape* (editada por Jackson) escreveu Sauer:

O espírito da *Landscape* é quieto, sensível, observador e muitas vezes sutil. Eu acho difícil defini-la para além de sua procura pela vida humana em algum estado de encantamento. O que a revista proporciona tanto para mim quanto para outros é a apreciação das pessoas (e comunidades) que vivem satisfeitos e esclarecidos (ecologicamente balanceados) em sua própria maneira (cultura) em qualquer lugar, hoje, no passado ou olhando para um desejoso futuro (SAUER in DENEVAN e MATHEWSON 2009, p.391 [1960], tradução nossa, adaptado).

Seu impacto na Geografia norte-americana é de difícil avaliação, uma vez que não seguiu uma carreira acadêmica tradicional. Nos Estados Unidos ficou conhecido como o "Guru da Paisagem" (GRIMES, 1999). Foi alçado a uma condição totêmica por D.W Meinig (1979), seu credo o fez ser abraçado pelos geógrafos humanistas da década de 1970.

Em suma, sua concepção de Paisagem se refere ao mundo material e ao cotidiano, mas sem ignorar os aspectos simbólicos, originários, em grande medida da formação humanista e literária do autor. Wylie (2007) aponta que a própria abordagem de J.B Jackson não era comum, principalmente nos meios acadêmicos, pois:

[...] o tema dominante de sua escrita é que o termo "paisagem" pertence ao mundo material da vida cotidiana em comum – um mundo de casas, carros, estradas, calçadas, quintais. Aquele mundo habitado por aquilo que Jackson entendeu como norte-americanos comuns: pessoas que vivem distantes dos centros metropolitanos de poder ou das teorizações abstratas. O sentido de que este mundo – que ele passou a denominar de "Paisagem Vernacular" – estava sendo negligenciado, omitido ou até tratado com desdém por acadêmicos, planejadores e políticos. Isto deu ímpeto e direção a seus trabalhos. Em seus ensaios na Revista *Landscape*, procurou desmistificar o linguajar especialista ou as perspectivas remotas ao mesmo tempo em que ressaltava o valor e a riqueza das formas indígenas e vernaculares da vida americana. Suas palavras são bem claras: "Nós não somos espectadores, a paisagem não é uma obra de arte. É um produto temporário de muito suor, trabalho duro e de pensamento sincero" (WYLIE, 2007, p.43, tradução nossa).

Jackson contrapôs o que chama de *Paisagem Vernacular* com o que denomina *Public Landscape* (Paisagem pública). No entanto, a fim de manter o significado original, traduzimos como Paisagem imposta ou sobreposta. O termo original era Paisagem Política, no entanto em outros escritos, Jackson revisa o termo "Political Landscape" por conta de sua associação com a política partidária, passando a denominá-la de Public Landscape (1997). Dada a natureza do próprio conceito de "público" em nosso idioma, achamos que uma tradução mais adequada para este conceito seja Paisagem Imposta ou sobreposta (relacionadas à projetos externos).

A esta se constitui de projetos externos e incutidos de expressões simbólicas de poder ou dominação, quase sempre levadas a cabo por uma instância superior (um governo, uma autarquia, por exemplo.) que define os limites e as estruturas de alguns componentes centrais na Paisagem (uma grande autoestrada, os limites de um Estado, ou província por exemplo.). Já a paisagem Vernacular pode habitar uma Paisagem Pública, mas serão obra das relações no "local", aquelas que se transformam organicamente através do uso e da recriação.

Para J.B Jackson, a capacidade de discernir entre uma Paisagem Vernacular, de outra Paisagem qualquer, reside em dois aspectos fundamentais: funcionalidade e flexibilidade isso implica na adoção de soluções curtas e práticas. Assim como na arquitetura Vernacular estão quase sempre associadas à frugalidade, simplicidade e a um senso de comunidade (JACKSON, 1987). Por isso, para ele o primeiro foco de estudo deve ser a casa, pois é ela que ancora as atividades que acabam interferindo na Paisagem. De acordo com Meinig (1979) existem alguns princípios básicos na obra de J.B Jackson:

(1) Paisagem ancorada na vida humana; (2) Paisagem é unidade e deve ser compreendida em termos do mundo vivido; (3) o primeiro e fundamental elemento a ser analisado é a casa. (4) Especial atenção aos elementos vernaculares, principalmente aqueles representados pela arquitetura vernacular; (5) no sentido abrangente toda Paisagem é simbólica; Paisagens inevitavelmente mudam.

Diferente de Sauer e Hoskins, Jackson não embarcou durante muito tempo em uma concepção anti-moderna ou anti-estado (WYLIE, 2007, p.44). Em seus ensaios procurou dar voz aos novos arranjos que surgiram nos Estados Unidos do pós-guerra e notadamente nas novidades do novo cotidiano como arranha-céus, auto-estradas, estacionamentos, parques de trailer, etc.

Jackson percebia a Paisagem tanto como fruto de simbolismo como quanto materialidade concreta. Por isso seu estilo é mais especulativo, mais discursivo do que sistemático. Sobre as técnicas e ensaios do J.B Jackson como aponta Horowitz (1997):

[...] Seus ensaios estabelecem ligações entre os elementos cotidianos da paisagem com temas maiores da história e da Cultura. Ele estabelece como construímos nossas cidades e nosso campo revelando a sociedade e a cultura. De maneira implícita, acaba definindo o que iria mais tarde proclamar: "Paisagem é a história possível". Demonstra como as paisagens manifestam nossos conflitos, como o imperativo humano para a criação da paisagem, em especial a paisagem doméstica é a "recriação do céu na terra". (HOROWITZ, p.X, 1997, tradução nossa, adaptado).

Para J.B Jackson as fronteiras e limites visuais de uma paisagem são centrais na comparação de espaços, pois estabilizam os relacionamentos pessoais e interpessoais, concepções que são transferidas para sua manifestação física. Em outras palavras, a fronteira serve para isolar e proteger pessoas e objetos. Segundo Jackson:

O típico espaço produzido em uma paisagem política, seja uma fazenda, um vilarejo ou uma nação, provavelmente possui próximo a seu centro estruturas independentes cercadas de uma área de amortecimento com limites visíveis, e a comunicação entre esta estrutura (ou uma coleção de estruturas) e o mundo exterior é formalizada de alguma maneira por pórticos, portões ou alguma entrada. Como poderíamos esperar este tipo de fronteira protetiva era comum na Grécia. (JACKSON, 1984, p.14, tradução própria).

Essas diferenças na organização espacial da Paisagem fornecem razões do por que e como os humanos se apropriam da Paisagem, uma vez que: "As diferenças na organização espacial

decorrem em grande medida, da forma como classificamos e separamos coisas, pessoas e ocupações (JACKSON, 1984, p.28)".

A Paisagem norte-americana de seus ensaios adquire personalidade e uma interpretação de qualidade literária. Sua leitura é atenta aos valores (como os de uma sociedade, de uma época, etc.), pois em suas palavras:

Cada época enxerga o mundo à sua maneira e possui suas próprias noções de beleza, redescobrimo a paisagem. Encontramo-nos em meio a tal redescoberta; Quais destes antigos valores deveremos descartar e quais devemos preservar? (JACKSON, 1970, p.43, tradução nossa, adaptado).

Outro traço desta internalização entre indivíduo e paisagem está na formação e consolidação de identidades particulares. Desta forma, a projeção de ambições e de projetos sociais coletivos encontram-se dependentes do instinto humano da associação e da mesma maneira "que dizemos que não há som a menos que exista um ouvido para registrá-la, devemos assumir que não há identidade a menos que exista alguém para reconhecê-la (JACKSON, 1970, p.146, tradução nossa, adaptado) "

Como intérprete seu intuito era enxergar tais paisagens, não pelo prisma de engenheiros ou arquitetos, mas pela ótica das pessoas comuns. É com isto em mente que ele procura enxergar elementos banais como banners, letreiros e as auto-estradas, como afirma Jackson (1984):

Nenhum destes letreiros ou estruturas possuiu uma identidade fundamental: eles procuram estabelecer uma espécie de identidade existencial, criando diálogos curtos "Olhem para mim!" eles dizem, e nós respondemos, "Nós te enxergamos, você é uma placa de cerveja (ou um drive - in)". São como aqueles adolescentes, mais comuns no ocidente, que vestem suas identidades em seus cintos ou nas costas de suas jaquetas. (JACKSON, 1984, p.148, tradução nossa, adaptado)

De certa maneira o método de pesquisa de Jackson é uma continuação das abordagens de autores como Sauer, centrando na pesquisa inicial de fontes primárias de informação e na vivência de campo. A diferença reside em grande medida no uso que realiza das fontes, Jackson utiliza-se de um estilo semelhante ao da crítica literária pontuando pontos-chave e realizando inferências a partir do diálogo com outras áreas com áreas como a Filosofia e a História. Um exemplo disso é que para ele a importância de deixar um legado na Paisagem decorre de impulsos fundamentais de ser/estar no mundo:

Cada um de nós sente a necessidade de algo permanente no mundo a nossa volta da mesma forma que desejamos uma identidade permanente para nós mesmos. Não se trata simplesmente da satisfação de um impulso humano fundamental de ser parte de uma ordem que é mais duradoura do que nós: uma ordem moral ou ética que transcende nossa existência individual. A geração dos Românticos lidava com essa sensação através do sentimento de união com a natureza. O que temos nós para por em seu lugar? (JACKSON, 1970, p.152, tradução nossa, adaptado).

A interpretação das informações e como fazem suas classificações (toda classificação implica em ganhos e perdas) é mais pessoal do que em Sauer.

A diferença reside no tipo de interpretação das motivações e dos desejos das comunidades que idealizaram, criaram e viveram as paisagens. É a necessidade intencionada ou não de criação do lugar e do espírito associativo que constituem a riqueza de sua análise. De acordo com Weldon (2012):

Devido à complexidade da natureza humana, visões e identidades diferentes emergem na Paisagem. Estas identidades muitas vezes contrastam e são guiadas por princípios e objetivos diferentes. O fazendeiro é motivado pelo lucro em sua empreita e irá manipular sua terra buscando o plantio que for mais lucrativo, enquanto o trabalhador focará mais em completar sua tarefa junto à paisagem. O que Jackson propõe é que as identidades nunca atingem

coesão, mas que existem sempre em estado de tensão. Esta tensão é então repassada e manifesta na Paisagem através de padrões no uso do solo. (WELDON, 2012, p.12, tradução nossa, adaptado).

Existe uma forte influência de J.B Jackson nas publicações da NPS - *National Park Service* (FREY, 2013). Jackson se preocupava com o “senso do tempo”, aproximando-se de Hoskins (WELDON, 2012). E é nesse senso de tempo que subsiste em como estudar o Vernacular a partir daquilo que é familiar no “espírito dos lugares”.

Em suma, foi um autor pioneiro na definição do significado de Paisagem Vernacular e a sintetizar um esquema interpretativo da história da Paisagem norte-americana que o assemelha a importância de Hoskins na Inglaterra. Esta abordagem reassegurou para si o papel de intérprete da paisagem do cotidiano.

SÍNTESE DOS AUTORES E CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PAISAGEM VERNACULAR

Podemos resumir a contribuição dos autores estudados, a partir de temas e palavras. Em J.B. Jackson (vernacular, comum, popular), W.G. Hoskins (história, densidade temporal) e a de Carl Sauer (morfológica). Suas abordagens foram aprimoradas ou tiveram continuidade, renovando-se a cada geração (WYLIE 2007).

Tanto Sauer, Hoskins como Jackson desejavam retirar toda a noção de que a paisagem fosse puramente estética, tratando a paisagem de forma coerente e estruturada. Ao fazer isso, revitalizaram as técnicas formais de análise e estudo da Paisagem presentes na Geografia Física, especialmente na Geomorfologia.

Tanto em Hoskins quanto em Jackson se torna comum o uso de fontes locais e históricas de informação como catálogos e censos antigos, além de poesias e mitos locais. Isso servia ao propósito de compreender a movimentação das pessoas, a colonização e as novas demarcações e limites que se incorporavam as camadas da Paisagem. Neste ínterim assumirá grande importância a investigação da origem e dos usos de antigos caminhos e estradas. Em Sauer reaparecem os estudos que procuram “reorganizar os fatos do lugar” (HOLZNER, 2016, p39). Assim como Sauer, os três autores resgatavam a toponímia como significativa para o aprendizado da paisagem.

Sauer e Hoskins são descritos como *insiders*. Neles reside um senso de proximidade, empatia e pertencimento com ênfase nos detalhes e na descrição da paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relativo desconhecimento de autores como Jackson e Hoskins no Brasil decorre em grande medida da falta de traduções em língua portuguesa, assim como do apelo localista, que enfatizam as paisagens de seus países de origem, ou, no caso de Sauer devido à distância temporal de suas publicações podem ter contribuído para o relativo esquecimento acadêmico.

No entanto, as lições aprendidas em suas obras (tais como estilo, metodologia e interpretação) podem alimentar diversas pesquisas e muitas de suas reflexões a respeito da Paisagem Cultural possuem caráter universal.

De certa maneira podemos afirmar que Hoskins e Jackson possuem pouco apreço pelas teorias formais, já que as teorias e os métodos não são explicitados claramente ao longo dos textos. Isto é diferente do caso de Carl Sauer, que sempre se preocupou com um caráter “sistemático em suas teorias”.

Defendemos que, a centralidade da pesquisa da história local, seguido de trabalhos de campo orientadas pelos primados da informação visual, podem servir de base para a interpretação e valorização da Paisagem Vernacular.

Procuramos delinear parte das idéias destes autores na expectativa de suscitar o interesse de parte da comunidade acadêmica chamando a atenção destes autores na Geografia Cultural contemporânea.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos pesquisadores e estagiários do Laboratório de Paisagem UEL/CTU e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS

CLEMENT, D. **General Guidelines for Identifying and Evaluating Historic Landscapes**. Califórnia 1999.

D.W, MEINIG. **Reading the Landscape: An Appreciation os W.G Hoskins and J.B Jackson** In: MEINIG, D. W. *The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1979. p.195-245.

GADE, D. **The Continuing Quest to Understand Carl Sauer** in: *The AAG Review of Books*, v.3, 2014.p.116-121. <https://doi.org/10.1080/2325548X.2014.919159>

DYER, C. et al. **New directions in local history since Hoskins**. Hatford: Hertfordshire University Press, 2011.

FREY, L. P. **Effect, form, affect: An exploration of Vernacular Landscape form change using the context of a traditional fishing village**. Tese de doutorado de filosofia apresentada na Universidade da Flórida, Gainesville: 2013. 743p.

GRIMES, W. **Brinck Jackson, 86, Dies; Was the Guru of the Landscape**. New York Times, Nova York: Agosto 1999. Disponível em <http://www.nytimes.com/1996/08/31/arts/brinck-jackson-86-dies-was-guru-of-the-landscape.html?pagewanted=all&src=pm>. Acesso dia 10 de janeiro de 2017.

HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e lugar, território e meio-ambiente**. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, Dez 1997.

_____. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

HOROWITZ, L. **Introduction**. In: JACKSON, J. B. *Landscape in sight: Looking at America*. Nova York: Yale University Press, 1997. p. I-XVI.

HOSKINS, W. G. **Devon Shire Guide**. Londres: Faber, 1964.

_____. **The Making of English Landscape**. Londres: Penguin books, 1967.

JACKSON, J. B. **Landscapes**. Massachussets : University of Massachussets , 1970.

_____. **Discovering the Vernacular Landscape**. New Haven: Yale University Press, 1984.

_____. **A sense of place, a sense of time The Shell Guide to Devonshire**. Londres e New Haven: Yale University Press, 1994.

_____. **Landscape in sight: Looking at America**. Nova York: Yale University Press, 1997.

_____. **Maps of Meaning: An introduction to cultural geography**. Londres.: Routledge, 1989.

BBC. **Landscapes of England**. Produção: Peter Jones. Intérprete: W.G Hoskins. 1976. 30 min.

MATHEWSON, K. **Carl Sauer and his critics**. In: DENEVAN, W. M.; MATHEWSON, K. *Carl Sauer on Culture and Landscape: Readings and commentaries*. Baton Rouge: LM Press, 2009. p. p-9-28.

PRICE, M.; LEWIS, M. **The reinvention of cultural geography**. *Annals of the Association of American Geographers*, 1993. 1-17. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1993.tb01920.x>

ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

SAUER, C. **About Landscape**. In: MATHEWSON, K.; DENEVAN, W. M. *Carl Sauer on Culture and Landscape: Readings and commentaries*. Baton Rouge: LM Press, 2009. p. 38-42.

_____. **The Morphology of Landscape**. *University of California publications in geography*, Berkeley, v. v. 2, no. 2, p. 29-56, 1963 [1925].

_____. **The Personality of Mexico**. Geographical Review. , v. 31, p. 353- 364., Julho 1941.
<https://doi.org/10.2307/210171>

_____. A Educação de um Geógrafo. In: **GEOgraphia**, América do Norte, 2, set. 2000 [1956].

_____. **A morfologia da paisagem**. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925].

UNESCO. **Operational Guidelines for the implementation** of the World Heritage Foundation. UNESCO. Paris, p. 175. 2012.

WELDON, D. T. **The Vernacular Landscape**: Interpretation of the Tobacco culture at Stratford Hall. Auburn: Dissertação de mestrado em Preservação Histórica Auburn University, 2012.

WYLIE, J. **Landscape**. Nova York e Londres: Routledge, 2007.

Recebido em: 19/06/2017

Aceito para publicação em: 02/10/2017